



Disputa perto do fim em metade do país

Pesquisas de intenção de votos apontam que ao menos 14 unidades da Federação têm chance de terminar a corrida pelo governo estadual no primeiro turno

» LUÍZA ALTOÉ

Ao analisar as pesquisas mais recentes, ao menos 13 estados e o Distrito Federal têm chances de eleger os governadores hoje, ao término do primeiro turno das eleições. Para conquistar o governo estadual, o candidato precisa alcançar 50% mais 1 dos votos válidos, ou seja, descontando os brancos e nulos.

Esse grupo inclui: Amapá, Pará e Roraima no Norte; Maranhão, Paraíba, Piauí, Pernambuco e Sergipe no Nordeste; Distrito Federal, Goiás e Mato Grosso do Sul no Centro-Oeste; São Paulo e Minas Gerais no Sudeste; e Santa Catarina no Sul.

A Paraíba se destaca pela liderança com folga do governador Luca Ribeiro (PP), que disputa a reeleição. Segundo a pesquisa Real Time Big Data divulgada nesta sexta, ele pontua 45%, o que equivale a 20 pontos percentuais a mais que o principal adversário, o senador Efraim Filho (PL), que alcança 24%.

O caso é também semelhante em Mato Grosso do Sul, onde o governador Eduardo Riedel lidera com 51% das intenções de voto, contra seu principal adversário, Fábio Trad, que pontuou 12% na Quaest divulgada em 25 de setembro.

A maioria dos governadores que devem ser eleitos nesse primeiro turno é do campo adversário do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Tal cenário pode ser favorável para a campanha do candidato Flávio Bolsonaro (PL) em um eventual segundo turno, à medida que tais governadores poderiam “colocar suas estruturas políticas e quadros partidários a serviço da campanha presidencial”, avalia Leandro Gabiati, cientista político e diretor da Dominium.

É o caso de São Paulo, o principal colégio eleitoral do Brasil. A Quaest divulgada ontem apontou que o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) tem 60% dos votos válidos na disputa pelo comando do estado, contra 36% de Fernando Haddad (PT). Com isso, ele vence já no primeiro turno.

“Se acontecer de realmente encerrar a disputa em São Paulo no domingo, eu vou estar à disposição do Flávio para ajudá-lo muito no segundo turno. Aqui em São Paulo e até fora do estado”, disse Tarcísio na sexta-feira.

No entanto, vale destacar que um encerramento no primeiro turno tende a reduzir o incentivo local para um segundo turno nacional. “Quando a eleição para governador termina antes, o eleitor tem um voto a menos no dia 25, ou seja, uma razão a menos para sair de casa. Isso pode desmotivar eleitores que votam mais pela rejeição do que pela aprovação”, explica Gustavo Ribeiro, mestre em ciência política pela Sorbonne.

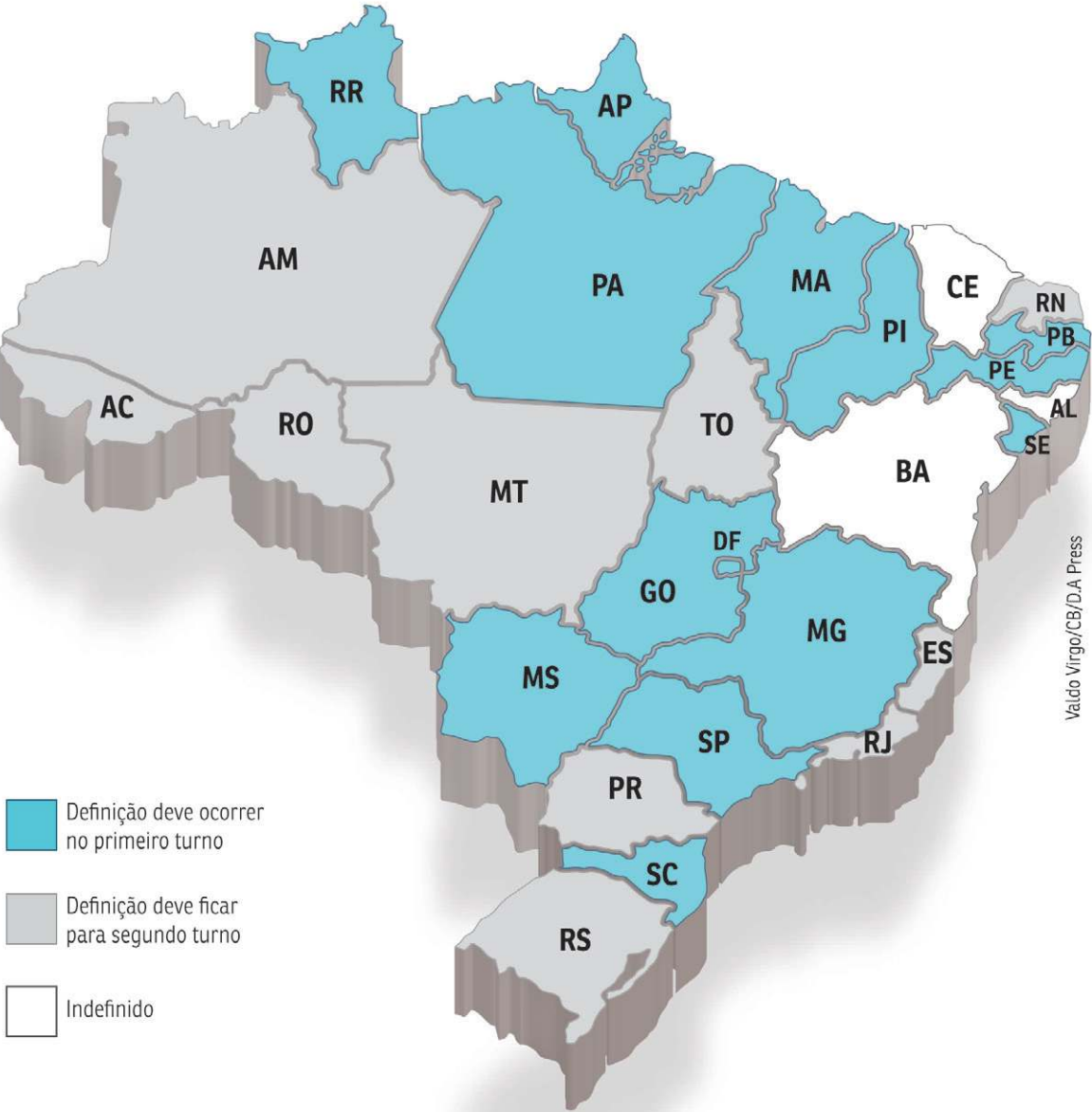
Por isso, uma corrida estadual também seguir para o segundo turno pode ser favorável à campanha nacional, pois cria uma espécie de “campanha casada” entre a disputa estadual e a presidencial. “Um segundo turno estadual mantém funcionando a estrutura de campanha, incluindo prefeitos, deputados, militância, propaganda e mobilização territorial, que permanecerão ativos nas ruas”, explica Gabiati. “Numa eleição tão apertada, o engajamento maior ou menor dos aliados locais de Lula e Flávio pode ser determinante para o resultado final”, pontua.

Nordeste

Alagoas, Ceará, Bahia são unidades da Federação em que a disputa está acirrada e com

Panorama eleitoral

Confira como está a disputa pelas 27 unidades da Federação



- Definição deve ocorrer no primeiro turno
- Definição deve ficar para segundo turno
- Indefinido



Numa eleição tão apertada, o engajamento maior ou menor dos aliados locais de Lula e Flávio pode ser determinante para o resultado final”

Leandro Gabiati, cientista político

cenário indefinido. Com dois candidatos mais competitivos, os votos tendem a se concentrar e podem gerar uma vitória ainda no primeiro turno. Esse cenário pode aumentar para 16 estados a elegerem seu governador em 4 de outubro.

Em Alagoas, a pesquisa Real Time Big Data desta sexta apontou Renan Filho (MDB) — com 49% — e JHC (PSDB) — com 46% — tecnicamente empatados no primeiro e no segundo turno. No Ceará, a pesquisa Atlas/Focus desta quarta-feira mostrou Elmano de Freitas (PT) e Ciro Gomes (PSDB) também empatados tecnicamente, com 49% e 47,6%.

Na Bahia, a Paraná Pesquisas divulgada neste sábado mostrou ACM Neto (União Brasil) com 46,4% no primeiro turno, contra 44,6% do governador Jerônimo Rodrigues (PT). Ou seja, estão tecnicamente empatados.

Nesses casos, ainda não é possível cravar um encerramento do pleito estadual no primeiro ou no segundo turno, tendo em vista outras variáveis possíveis, como abstenção, mudanças de última hora e a ocorrência do voto

útil, além do voto dos indecisos. A Quaest de 23 de setembro, por exemplo, apontou que 45% ainda estão indecisos no voto para governador no Ceará.

Centro-Oeste e Sul

As pesquisas de intenção de voto apontam que a região Centro-Oeste deve reeleger governadores aliados do candidato Flávio Bolsonaro (PL). No Distrito Federal, Celina Leão (PP) deve ser reeleita ainda no primeiro turno. Em Goiás, será Daniel Vilela (MDB).

Em Mato Grosso, com mais chances da disputa ir para o segundo turno, as pesquisas mostram que Otaviano Pivetta (Republicanos) deve ser reeleito. Em Mato Grosso do Sul, Eduardo Riedel (PP), provavelmente no primeiro turno.

Além do Centro-Oeste, a Região Sul também deve eleger apenas aliados do bolsonarista para o governo dos estados. Em Santa Catarina, em especial, o atual governador Jorginho Mello (PL) deve ser reeleito ainda no primeiro turno e é aliado de Flávio. No Paraná e no Rio Grande do Sul, o bolsonarista também deve emplacar aliados, com Sérgio Moro (PL) e Luciano Zucco (PL), respectivamente.

Nas demais regiões do Brasil, Flávio também concentra aliados. É o caso do Norte, em que quatro estados devem eleger governadores aliados ao bolsonarista: Mailza Assis (PP) no Acre; Dr. Furlan no Amapá; Marcos Rogério em Rondônia; e Arthur Henrique em Roraima. Nessa região, Lula tem o apoio declarado apenas de um candidato que lidera as pesquisas: Omar Aziz (PSD), no Amazonas.

No Sudeste, Flávio também deve ter aliados em dois estados: Cleitinho Azevedo (Republicanos) em Minas Gerais; e Tarcísio de Freitas em São Paulo. O Rio de Janeiro, que elegeu governadores

mais aliados à direita nos últimos anos, pode ser o estado em que Lula deve emplacar um aliado: Eduardo Paes (PSD), que lidera as pesquisas.

No Nordeste, reduto lulista, a tendência é de que a maioria dos novos governadores seja alinhada a esse espectro político. Na Paraíba, as pesquisas apontam que lideram os cenários Lucas Ribeiro (PP); no Piauí, Rafael Fontes (PT); no Rio Grande do Norte, Cadu Xavier (PT); em Sergipe, Fábio Miti-dieri (PSD); e Pernambuco (PE), Raquel Lyra (PSD).

Porém, é no Nordeste que há estados com cenários mais indefinidos. Alagoas, Bahia, Ceará e Pernambuco podem eleger aliados de Lula ou candidatos que contam com o apoio do PL, mas que evitam se vincular nacionalmente a Flávio Bolsonaro.

Ao desconsiderar esses estados, a tendência é que, ao final do primeiro e segundo turno, Flávio tenha aliados em 17 estados e Lula em sete. O cenário repete o conservadorismo de 2022, que teve 14 dos governadores eleitos declarando apoio a Jair Bolsonaro (PL), distribuídos em partidos de direita ou centro-direita. Em 2022, o número de governadores reeleitos chegou a 17. Nestas eleições de 2026, a tendência é que sejam ao menos 11 estados.

O cenário reitera a força das máquinas estaduais na campanha. No entanto, o especialista Leandro Gabiati aponta que este fator, isolado, não garante uma reeleição. Segundo ele, a avaliação que o eleitor faz da gestão vigente pode impulsionar votos diferentes nas urnas.

“É uma combinação entre vantagem de quem disputa a reeleição, uma avaliação positiva do governo, capilaridade política e dificuldade da oposição de apresentar uma alternativa competitiva. Já quando a gestão é mal avaliada ou surge um adversário forte, a vantagem do incumbente pode desaparecer”, explica.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



Sobrenatural de Almeida, campanha na palma da mão e voto na ponta do dedo

O primeiro turno das eleições chega ao momento decisivo, hoje, com campanhas de “boca de urna” proibidas nas ruas, mas com disputas intensas pela Presidência, pelos governos estaduais e pelo Senado por meio das redes sociais. Parte da mobilização migrou das praças para os celulares, ou seja, para a palma das mãos, uma tendência que já vinha se demonstrando desde as eleições de 2018. A novidade é a intensa utilização da inteligência artificial, seja nas campanhas oficiais, seja na produção de memes e fake news nas redes sociais.

O celular virou palanque permanente. Compartilhar ataques, defender candidatos e convencer familiares são formas de participação. A escala também aparece nas irregularidades: o projeto ViglA, da agência Lupa, identificou pelo menos 554 vídeos e imagens classificados como deepfakes (a produção de vídeos, áudios e imagens manipulados de pessoas reais) durante a campanha do primeiro turno.

A disputa eleitoral encontra o campo mais decisivo no Sudeste. São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro somam 63,3 milhões de eleitores, equivalentes a 40,1% dos aptos a votar no país. No Datafolha de ontem, Lula tinha 42% na região e Flávio Bolsonaro, 40%. Na Quaest de 28 de setembro, eram 33% e 35%, respectivamente. As diferenças entre institutos recomendam cautela, mas ambos mostram competição apertada e redução da distância entre os candidatos.

Nos levantamentos estaduais do Datafolha divulgados na sexta-feira, Flávio tinha 39% em São Paulo, contra 38% de Lula; em Minas, o presidente marcava 42%, ante 36% do adversário; no Rio, o senador liderava com 45%, contra 38%. O avanço de Lula no Sudeste pode reduzir a vantagem bolsonarista na região, mas não elimina a força de Flávio no seu estado de origem. Tampouco a liderança de um candidato a governador assegura transferência integral ao aliado presidencial.

Há espaço para o imponderável. Na pesquisa Quaest, independentes representavam de 24% a 36% do eleitorado estadual, chegando a 36% no Rio e 35% no Amazonas. Em São Paulo, 20% admitiam mudar de voto; em Minas, 19%. Isso indica que um público menos subordinado às identidades partidárias decidirá o resultado das eleições. É sobre ele que mensagens de medo, denúncias e apelos ao voto útil exercem maior pressão.

Nos governos estaduais, a disputa permanece aberta em importantes colégios. Na Bahia, a Quaest de 24 de setembro mostrou ACM Neto com 42% e Jerônimo Rodrigues com 40%. No Ceará, o Datafolha de 3 de outubro apontou Ciro Gomes com 47% dos votos válidos e Elmano de Freitas com 50%. Em Pernambuco, Raquel Lyra e João Campos tinham, respectivamente, 49% e 48% dos votos válidos no Datafolha de 3 de outubro; na Quaest do mesmo dia, eram 52% e 47%. A concentração em dois nomes permite que uma disputa apertada termine no primeiro turno, porque somente os votos válidos são computados.

Há francos favoritos. Em São Paulo, Tarcísio de Freitas alcançou 60% dos votos válidos no Datafolha de 3 de outubro, contra 35% de Fernando Haddad; na Quaest do mesmo dia, eram 60% e 36%. No Piauí, Rafael Fonteles tinha 55% das intenções totais, ante 25% de Joel Rodrigues, no levantamento divulgado em 17 de setembro. A vitória exige mais da metade dos válidos. Na Quaest no Rio de Janeiro, considerando votos válidos, Eduardo Paes tem 49%; e Douglas Ruas, 40%. Pode dar primeiro turno.

Voto útil

A disputa do Senado, em razão da crise de confiança no Supremo Tribunal Federal (STF), ganhou outra dimensão. Serão renovadas 54 das 81 cadeiras. O que está em jogo não é apenas representar cada estado, em pé de igualdade com os demais, está se decidindo também a futura composição do STF. O controle de duas vagas envolve governabilidade, indicações ao Supremo e processos de impeachment de seus ministros. As disputas estão acirradas. No Datafolha de 3 de outubro, por exemplo, São Paulo tinha Guilherme Derrite e André do Prado com 22% cada, Marina Silva com 21% e Simone Tebet com 20% dos votos válidos. No Rio, Benedita da Silva registrava 26%, Carlos Portinho, 19%, e Carlos Jordy, 18% dos votos válidos. Em Minas, Marília Campos tinha 21%, Carlos Viana, 19%, Domingos Sávio, 17%, e Aécio Neves, 13% dos votos válidos.

Nas redes, Banco Master, INSS, conflitos religiosos, acusações de interferência estrangeira e a proibição das bets alimentam ataques sucessivos. Mas as prioridades dos eleitores têm raízes concretas. Na Nexus, a economia motiva 40% dos eleitores do Sul, 37% do Norte-Centro-Oeste e 36% do Sudeste. No Nordeste, a saúde lidera com 35%, seguida da rejeição a um candidato, com 29%, da economia, com 28%, e da educação, com 27%. Corrupção pesa para 39% no Sul e 32% no Sudeste. As polêmicas ganham força quando encontram essas preocupações.

Na Presidência, a tendência é um segundo turno entre Lula e Flávio Bolsonaro. A Nexus de 28 de setembro mostrou Lula com 42% dos votos totais, Flávio com 37% e os demais somando 16%; 87% dos que escolheram candidato disseram não pretender mudar. A atenção capturada nas telas, porém, precisa se transformar em voto na urna. Ou seja, o dedo “maior de todos” é que decide a eleição na urna eletrônica. É verdade que o voto útil pode antecipar escolhas motivadas pela rejeição, mas sua existência não assegura uma decisão ainda hoje, quando a mobilização digital chegará ao auge. A não ser que o Sobrenatural de Almeida, como diria Nelson Rodrigues, entre em campo. Assim é a nossa democracia.